

n^o 1



Cadernos de *Alferrara*



Título	Cadernos de Alferrara nº1
Autores	Ana Tomé, Fábio Vicente, Jesse Rafeiro, João Luís Fontes, Miguel Rosado, Sofia Aleixo e Victor Mestre
Edição	Associação de Municípios da Região de Setúbal
Paginação e grafismo	Fábio Vicente
Fotografias	Ana Tomé, Fábio Vicente, Fernando Pessoa, Jesse Rafeiro e Victor Mestre
Ano	2023

Mensagem do Presidente do Conselho Directivo

André Martins

Alferrara é hoje um local que abraça os seus visitantes, que se abre à academia, que transmite conhecimento e cultura através dos seus conventos que, outrora em ruína, inspiraram o imaginário das crianças, jovens e adultos que os tomaram como seus nas suas aventuras.

Um património que se devolve à população: este é o mote dos Cadernos de Alferrara – devolver à população o conhecimento adquirido neste processo de interpretação e restauro dos Conventos da Quinta de São Paulo. É um caminho de respeito que nos tem dado provas que estamos na direção certa. A nosso lado caminham vários técnicos das mais diversas áreas que deram o seu contributo para que se desvende a história e significado deste património singular. Contributos inestimáveis que alicerçam as intervenções nestes dois espaços.

Após milhares de visitantes, dezenas de concertos, peças de teatro, reuniões, encontros e muitas mais atividades, dizemos convictamente que os Conventos de Alferrara são um equipamento regional que faz falta. Criámos a oportunidade de, a par de um longo processo de restauro, envolver a população e consolidar este lugar de comunhão entre o património cultural e a natureza pela sua importância no panorama da região.

Neste novo número dos Cadernos de Alferrara publica-se uma compilação que aprofunda o conhecimento sobre este território. São cinco cadernos pluridisciplinares que sustentam novas intervenções e nos dão a conhecer quão único é o lugar Alferrara.

Os Conventos de Alferrara simbolizam o longo, mas necessário, caminho que temos feito em defesa deste património único e ímpar e pelo direito de as populações usufruírem dele.

<i>Caderno 1.1</i>		
	<i>A necessidade primordial de salvaguarda da identidade imaterial do Convento dos Capuchos e respectivo contexto paisagístico na sua dimensão ambiental e ecológica, através dos sentidos</i>	8
	<i>Sofia Aleixo e Victor Mestre</i>	
<i>Caderno 1.2</i>		
	<i>Digitalização da ruína: Rumo a uma Reconstrução Virtual dos Capuchos de Alferraraa</i>	20
	<i>Jesse Rafeiro, Ana Tomé</i>	
<i>Caderno 1.3</i>		
	<i>Perscrutando as origens: do eremitério da pobre vida ao mosteiro de Nossa Senhora da Consolação de Alferrara</i>	38
	<i>João Luís Inglês Fontes</i>	
<i>Caderno 1.4</i>		
	<i>A geologia de Alferrara</i>	54
	<i>Miguel Rosado</i>	
<i>Caderno 1.5</i>		
	<i>Qual o tempo para interpretar e agir num convento? Breve resumo do processo de intervenção no Convento dos Capuchos</i>	70
	<i>Fábio Vicente</i>	

Alguns artigos não seguem as normas do novo Acordo Ortográfico sendo os mesmo da responsabilidade dos autores.

Caderno *1.1*

*A necessidade primordial de salvaguarda da
identidade imaterial do Convento dos Capuchos
e respectivo contexto paisagístico na sua dimensão
ambiental e ecológica, através dos sentidos*

Sofia Aleixo¹ e Victor Mestre²

¹ CHAIA/IHC-CEHC/DArq - EArtes, Universidade de Évora; CHAM-SLHI,
FCSH – Universidade Nova de Lisboa

² vmsa arquitectos

A real architectural experience is not simply a series of retinal images; a building is encountered - it is approached, confronted, encountered, related to one's body, moved about, utilized as a condition for other things, etc. (...) Authentic architectural experiences consist then of approaching, or confronting a building rather than the façade; of the act of entering and not simply the frame of the door, of looking in or out of a window, rather than the window itself.

(Pallasmaa et al., 2006, p. 35).

Planear a 25 anos sucessivas e cirúrgicas intervenções que permitam manter as estruturas arquitectónicas do Convento dos Capuchos estáveis, e passíveis de uso, enquadradas pela memória cultural do lugar, foi e será o desígnio do projecto original. O que se pretende desde o início, na realidade, é manter a ideia de não-intervenção em sucessivos níveis de abordagem. Ou seja, serenamente, de patamar em patamar, pretende-se robustecer uma dialéctica crítica activa, que reflita sobre quais os níveis admissíveis nesta progressão de intervenções a implementar.

Entende-se este caminhar enquanto processo dinâmico, tanto no plano material como imaterial, no sentido em que será na conjugação de ambos que se poderá alcançar o objectivo traçado, o da intervenção mínima. A questão coloca-se precisamente na definição do que se entende por «mínima». Para nós, aproxima-se da não-intervenção. O significado máximo desta ideia de não-intervenção seria podermos assistir à tomada de posse da natureza pelas estruturas arquitectónicas, permanecendo estas, contudo, na sua enigmática existência numa dicotomia de valores harmonizados e apaziguados entre si, ou seja, entre o construído e a paisagem. O repto encontra-se na manutenção deste equilíbrio, em que o inerte, se não for conservado, tende a reduzir-se a matéria de solo fértil alimentando o viço da vegetação de memória mediterrânica.

Os enquadramentos paisagísticos deste lugar são tão enigmáticos quanto belos e, em parte, devem-se ao trabalho secular do homem e à actual recuperação da natureza por este lugar como se esta reclamasse o seu ancestral direito de plenitude sobre este território, que é também espaço humanizado num ancestral processo de apropriação e de sustentabilidade mútua, ou seja, de equilíbrio das partes ao longo de gerações. A paisagem deste lugar tem na sua actual configuração a acção do homem que nela se instalou, captou e conduziu a água do seu sustento agrícola e doméstico, regularizou patamares agrícolas e introduziu trilhos fundamentais para a sua actividade de recolector de plantas, madeira, frutas e animais.

Todavia, esta realidade é muito mais do que apenas a mera percepção material da paisagem composta pelos que aqui se recolheram. Será precisamente a escolha deste lugar e a sua elevação a espaço de meditação, contemplação e de observação do universo, que terá determinado a unidade de memória cultural que procuramos compreender e preservar em conjunto com os valores materiais em presença. Os habitantes deste Convento terão procurado o sagrado nos espaços por si construídos numa relação canónica da tratadística arquitectónica em estreita relação com o sentido do lugar. Na sua aspereza natural, a serra revela os telúricos afloramentos rochosos calcários, vertentes de densa vegetação, veios cavernosos abertos pela força das águas subterrâneas que, junto ao Convento¹, irrompem à superfície, revelando as brechas alaranjadas do cordão Leste da serra da Arrábida, que o poeta Sebastião da Gama batizou de «Serra Mãe» em poema, enquanto que Camões a refere sob a forma de soneto

*Anda no romper d'alva a nevoa cega
Sôbre os montes d'Arrabida viçosos,
Em quanto o solar raio lhes não chega
(...)*

ECLOGA VIII. PISCATORIA.

Recorrer à palavra «intervencionar», quando nos reportamos à preservação das estruturas arquitectónicas no Convento de São Paulo, é algo que ainda não consideramos adequado, na justa medida em que esta palavra pode induzir profundas alterações, não apenas físicas, mas também de ambiência espacial, sensorial e de contexto paisagístico. Será necessário um amplo tempo de reflexão até que esta palavra possa ser considerada. Esta será a mais significativa questão que está na base da nossa ideia de que a acção mais adequada para este Convento, e respectivo contexto paisagístico, é consolidar o propósito de se definir e estabelecer «uma não-intervenção no plano cultural». Assim,

¹ Ou melhor, juntando-se a estes afloramentos rochosos o Convento.

se deverá precisamente definir desde logo o que é para nós não-intervenção cultural, uma vez que, paradoxalmente, não significa não-intervir em absoluto. O que procuramos são princípios filosóficos que fundamentem por um lado o sentido que propomos para este lugar, em termos de memória cultural e, por outro, que estes princípios se articulem com os parâmetros necessários para a permanência física das ruínas, numa perspectiva de as re-utilizar com critérios técnicos e culturais.

A avaliação cíclica do *Plano Orientador*, definido em 2010 e a desenvolver a vinte cinco anos², permitirá o seu reajuste perante duas realidades: a primeira de ordem prática, relacionada com pequenas obras de manutenção, limpeza e de organização de eventos, registando-se em cada ciclo de uso, as eventuais novas anomalias e a capacidade de carga humana dos espaços, entre outros aspectos; uma segunda acção proposta no Plano, diríamos «de fundo», prende-se com a discussão teórica estabelecida em função do critério de «não-intervenção no plano cultural», ou seja, identificar para potenciar a evolução desses parâmetros pré-estabelecidos, de modo a ajustá-los à mutação do tempo histórico e da própria evolução das estruturas arquitectónicas.

Esta discussão teórica deverá ser desenvolvida no âmbito da equipa de acompanhamento dos Conventos dos Capuchos e de São Paulo, onde se integram os representantes da instituição proprietária, Associação de Municípios da Região de Setúbal (A.M.R.S.), sendo ciclicamente aberta à discussão pública através de encontros com a comunidade. A possibilidade de se realizarem investigações em diversas áreas do conhecimento, no âmbito dos Conventos e respectivos contextos paisagísticos, poderá potenciar novas abordagens, quer nos planos patrimonial, geográfico, ambiental e outros que poderão despoletar ideias de usos específicos para ambos os Conventos da Quinta de São Paulo, ainda que, no caso específico dos Capuchos se entenda que a ideia de preservação tenha por base a «não-intervenção no plano cultural».

² Ver Victor Mestre (2017) *Síntese da Metodologia...* Cadernos de Alferrara, n. 0 (junho), pp. 121-123

A questão ambiental que emoldura os Conventos constitui um tema de enorme relevância na justa medida em que esta nos permite compreender a história secular da humanização da paisagem envolvente, física e espiritual. Recorremos à análise de Françoise Choay sobre o pensamento de John Ruskin (1819-1900), no seu texto «A Lâmpada da Memória», em que este autor se deslumbra com a paisagem de Joux:

Estas flores que renascem incessantemente e estes rios que correm sem parar tinham sido tingidos com as cores profundas da resistência, da coragem e das virtudes do homem; e os cumes das sombrias colinas, que se erguem no céu vespéral, apelam a uma veneração mais profunda porque as suas sombras longínquas se projectam a leste nas fortificações altivas do forte de Joux e sobre o torreão quadrado de Granson.

(Choay, 2011, p. 158).

Esta pequena e pungente alegoria reacende a memória pelos que pereceram numa antiga disputa recolocando-os no tempo e no espaço real e simultaneamente recreado, elevando a noção de importância do que constitui a memória cultural. Esta referência tem sobretudo o propósito de exemplificar o quanto uma paisagem histórica potencialmente acomoda um percurso, um conjunto de acontecimentos vivenciados que transformaram este lugar físico num lugar de memória. A permanência cuidada, e a visitação informada deste contexto por si só, resultará num memorial destes acontecimentos. Choay contextualiza este autor na sua multidisciplinaridade desde logo na sua dimensão artística, revelando ter ele sido “o grande celebrador de Turner” (2011, p. 155), como também no seu compromisso social, na vertente pela qual ficou mais

conhecido: a conservação do património em alternativa à restauração dos monumentos. Uma outra dimensão está profundamente relacionada com os valores antropológicos e etnográficos:

Precedendo o trabalho dos etnólogos actuais, afirma e reafirma a indissociabilidade no homem da natureza e da cultura, isto não reenvia somente para o corpo e para os seus diferentes sentidos, mas da mesma maneira para todos os elementos distintivos dos lugares (fauna, flora, geologia, clima...)

(Choay, 2011, p. 156)

A harmonia com o contexto paisagístico estabelece-se com a poesia e a arquitectura, sendo o lugar onde ambas vão adquirindo espessura precisamente na percepção de que se entrecruzam e formam uma unidade, uma identidade estética. Retomando as palavras de Ruskin sobre arquitectura:

É na medida em que a arquitectura capta e preserva esta relação sagrada que apela à nossa mais séria reflexão. Podemos viver sem ela, podemos adorar sem ela, mas sem ela não podemos recordar. (...) A ambição dos antigos construtores de Babel dirige-se com pertinência ao nosso mundo actual: a propensão dos homens para esquecer que há apenas dois vencedores eficazes, a Poesia e a Arquitectura; esta última inclui de alguma maneira a primeira e revela-se, na sua realidade, mais poderosa: é bom possuir não somente o que os homens sentiram e pensaram, mas o que as suas mãos manipularam, o que a sua força moldou, o que os seus olhos contemplaram todos os dias da sua vida

(Choay, 2011, p. 158)

Ruskin releva a importância dos sentidos no pensamento arquitectónico, não só enquanto projecto mas também enquanto processo de construção. Considera o valor documental das ruínas gregas enquanto fragmentos de uma cultura específica e, postula dois deveres: “(...) tornar a arquitectura contemporânea histórica (...)” e “(...) preservar como a mais preciosa das heranças a arquitectura dos séculos volvidos” (Choay, 2011, p. 159).

Este é o dado fundamental de uma cadeia de valores identificados de que resultou a proposta para este Convento dos Capuchos, constituindo-se num exemplo paradigmático de intervenção em património. A «não-intervenção no plano cultural» terá no caso deste Convento um claro exemplo onde a preservação e usufruto do património arquitectónico não dependerá de uma intervenção de reabilitação, reconstrução e ou renovação para poder ser reutilizado ou ser entendido enquanto ruína visitável. Contudo, para além dos processos de salvaguarda de ordem material, o que se pretende demonstrar é que estes se complementam na memória cultural enquanto processo contínuo não-desligado das vivências aí ocorridas durante gerações, de utilizadores directos e de visitantes ocasionais.

As evidências dessas vivências são parte da compreensão histórica do lugar, que se procura dar a conhecer sem necessariamente ter de se intervir fisicamente com modelos esgotados em processos repetitivos, por sobreposição de novas entidades e expressões arquitectónicas. Este é um lugar de enorme contenção em termos de intervenção, em termos de se lhe adicionar novos tempos históricos, por via construtiva. O actual conjunto arquitectónico encontra-se precisamente em processo de desconstrução, contrariado pelas estruturas efémeras que se lhe implantaram num processo de «reversibilidade de ruína» e, simultaneamente simulando o processo construtivo que o erigiu, sobre um percurso de visita marcado pelo saibro laranja no chão. Trabalhar com paradoxos em património arquitectónico é algo de complexo e desafiante no sentido em que nada é

eterno e por isso deverá ser revisitável ciclicamente, para renovar e introduzir novidade, esclarecimento, clareza de conceito e proposta num processo em constante evolução.

O Convento dos Capuchos de Alferrara existe enquanto expressão arquitectónica num contexto paisagístico indissociável, e tal como se encontra expõe uma identidade cultural única, que entendemos que se deve aprofundar nos valores imateriais da sua longa memória cultural, enquanto processo de salvaguarda, enquanto matriz de «não-intervenção no plano cultural». Neste âmbito, e enquanto segunda fase, sugerimos que o percurso se consubstancie nos valores sensitivos enquanto processo exploratório do lugar do edificado e das suas conexões com o contexto ecológico e ambiental seguindo princípios fenomenológicos estudados pelo filósofo e arquitecto dinamarquês Juhani Pallasmaa:

Every touching experience of architecture is multi-sensory; qualities of matter, space, and scale are measured equally by the eye, ear, nose, skin, tongue, skeleton and muscle. Architecture involves seven realms of sensory experience which interact and infuse each other

(Pallasmaa et al., 2006, p. 30)

Este poderá ser o processo de regresso à escolha do lugar de implantação, da sua compreensão enquanto percepção dessa escolha para a instalação primordial dos Conventos desde logo o de São Paulo que foi o primeiro (1383-85), mas também o dos Capuchos que invulgarmente se instalou na sua proximidade mais tarde (1578). A compreensão dos sentidos que terão estado na base destas implantações, apresenta seguramente um enorme desafio, tanto mais que apesar de potencialmente associados, estarão para além

das necessidades comuns como água em abundância e alimentos silvestres da serra. A compreensão do lugar etéreo, enquanto ligação cósmica será provavelmente também algo a considerar dentro da cultura histórico-religiosa das respectivas congregações.

Contudo, os sentidos a que nos reportamos estão conectados com o pensamento do filósofo Juhani Pallasmaa e o quotidiano das nossas vivências. Estes relacionam-se com o modo como lidamos na actualidade com os objectos e os edifícios nas suas diferentes densidades imateriais, com o que sugerem na sua espessura temporal, na transmissão de valores diluídos na mudez das suas paredes, nos traços semicultos da transformação da paisagem. Caminhar e sentir com as mãos a deslizar no tempo e no espaço, pode parecer algo incompreensível, inútil, perante o grande desafio que é o desejo de permanência do conjunto de estruturas arquitectónicas que formam o conjunto edificado que acolheu a congregação capucha. No entanto, esta atitude poderá salvar o convento de um acto bem-intencionado mas precipitado, na sua redutora *performance*.

O Convento dos Capuchos mantém parte significativa da sua organização espaço-funcional e volumétrico-formal, mas a sua imaterialidade, segundo o nosso sentir, adquiriu uma maior “força” de apelo de conservação, que supera a dimensão exclusivamente arquitectónica. O que gostaríamos de salvaguardar, nesta fase, é precisamente aquilo que não é visível, que não é mensurável, mas que é essencial para que se mantenha o sentido e os valores do lugar. Presentimos que qualquer intervenção física que não substantive a imaterialidade do lugar enquanto acção primordial, será destrutiva das ambiências únicas e irrepetíveis que dão a singularidade ao Convento e ao seu contexto. A ruína, enquanto construção de si própria, no sentido em que se estabilizou na sua actual identidade física, é depositária de “**SILENCE, TIME, AND SOLITUDE**” como refere Juhani Pallasmaa:

However, the most essential auditory experience created by architecture is tranquillity. Architecture presents the drama of construction silenced into matter and space; architecture is the art of petrified silence. After the clutter of building has ceased and the shouting of workers has died away, the building becomes a museum of a waiting, patient silence.

(Pallasmaa et al., 2006, p. 31)

Bibliografia

PALLASMAA, Juhani; et al. (2006) Questions of Perception. Phenomenology of Architecture. San Francisco: William Stout Publishers.

CHOAY, Françoise (2011) As questões do património. Antologia para um combate. Lisboa: Edições 70, lda.

AL
FER
RA
RA

